



ORIENTE MÉDIO

Moradores de kibbutzim atacados em 7 de outubro de 2023 prestam homenagens às vítimas, no segundo aniversário do massacre. Movimento islâmico palestino cobra a retirada militar completa de Gaza assim que último refém for entregue

Israel relembra mortos, e Hamas faz exigências

» RODRIGO CRAVEIRO

No segundo aniversário do massacre de 7 de outubro e do início da guerra em Gaza, o presidente dos EUA, Donald Trump, admitiu a “possibilidade real” de colocar em prática o acordo de paz no enclave e insistiu na imediata libertação dos 48 reféns em poder do Hamas. O negociador-chefe do movimento islâmico palestino, Khalil al Hayya, exigiu “garantias de Trump e dos países patrocinadores de que a guerra terminará de uma vez por todas”. O Hamas impôs condições para o cessar-fogo: a saída completa das Forças de Defesa de Israel (IDF), junto à libertação do último refém; uma trégua “abrangente e duradoura”; a livre entrada de ajuda humanitária no território; e a supervisão, por parte de um órgão nacional formado por tecnocratas palestinos, do processo de reconstrução. A previsão é de que Steve Witkoff, enviado especial de Trump, chegue hoje ao balneário egípcio de Sharm El Sheikh para participar das negociações indiretas entre Israel e Hamas.

Por meio de nota, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, prometeu o retorno de “todos os reféns”. “Vivemos dias transcendentais, decisivos. Continuaremos atuando para conquistar todos os objetivos da guerra: o retorno de todos os sequestrados, a eliminação do governo do Hamas e a garantia de que Gaza nunca mais represente uma ameaça a Israel”, declarou. Nos kibbutzim atacados pelo Hamas, moradores prestaram tributo aos 1.200 mortos naquela manhã de sábado. Dorin Rai; o marido, Bijay; e os três filhos voltaram a Nir Oz para reverenciar as vítimas. “Nós rezamos pelos mortos e pelo retorno dos nove amigos que foram levados de Nir Oz e ainda se encontram em Gaza. Foi um dia muito difícil e triste”, disse, por telefone.

De acordo com Yezid Sayigh — especialista do Carnegie Middle East Center, em Beirute —, o plano de Trump demanda uma retirada militar imediata para uma linha que atravessa o meio de Gaza, de norte a sul. “O Hamas sempre buscou uma retirada completa. O plano de Trump prevê isso, mas em conjunto com o envio de uma Força Internacional de Estabilização, que deve ser enviada imediatamente. Ele permite que as forças israelenses permaneçam em uma zona de proteção da fronteira.”

Sayigh vê um ponto crítico na proposta. “Da perspectiva israelense, ela põe Gaza sob tutela internacional e promete liberdade de movimento para a população, além de acesso quase livre aos mercados internacionais, fontes de crédito e capital, com o objetivo de permitir a reconstrução e a recuperação econômica de Gaza”, lembrou.

Sabotagem

Ante o reconhecimento do Estado da Palestina pela maioria dos países, o especialista

John Wessels/AFP



Israelense ora no local da rave do Festival Nova, no kibbutz de Re'im

Três perguntas para

JONATHAN CONRICUS, ANALISTA E EX-PORTA-VOZ INTERNACIONAL DAS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL (IDF)

Como o senhor vê a possibilidade de implementação do cessar-fogo?

A possibilidade inicial de implementação do cessar-fogo é positiva. As chances são altas de que isso ocorra, pois o Hamas começará a libertar os reféns. Minha preocupação é a de que, em algum ponto do processo, eles mintam e deem desculpas para não prosseguir com as entregas dos reféns vivos e assassinados. Isso significará o fim do cessar-fogo e o prosseguimento dos combates. O tema aqui é o quanto de pressão o Catar e o Egito exercerão sobre o Hamas.

Quais os pontos sensíveis do plano?

Se o Hamas continuar a insistir na libertação de terroristas que participaram do massacre de 7 de outubro de 2023, as



Arquivo pessoal

chances de isso acontecer serão muito baixas. Isso pode levar ao fim do cessar-fogo. Tenho sérias dúvidas se o Hamas concordará em se desarmar. Mesmo que diga que vá se desarmar, as chances de isso ocorrer são reduzidas. Um desarmamento é muito difícil de ser implementado e verificado.

Não tenho certeza de que alguém tenha a avaliação correta sobre quantas armas o Hamas possui. Talvez o mais importante seja a desradicalização de Gaza. Isso precisa ser esmiuçado. Se não a desradicalizarmos, teremos que lutar outra guerra com outra organização terrorista.

Como avalia o impacto da guerra sobre o Hamas?

A guerra impactou o Hamas em níveis distintos. O Hamas é entendido pelos árabes como um grupo que trouxe destruição, desespero, pobreza e humilhação aos palestinos em todos os lugares, especialmente em Gaza. Eles estão sendo expostos pelo que são: um culto jihadista à morte, que não promove as necessidades dos palestinos. (RC)

vê como lógico que a comunidade internacional considere Gaza o primeiro território ‘libertado’ da Palestina. “Ela concentrará sua pressão no fim da ocupação israelense da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental, para que essas áreas possam se tornar parte do Estado palestino. Netanyahu sabotará o cessar-fogo e o plano de Trump”, advertiu.

Desde 17 de novembro de 2023, o palestino Mkhaimar Abusada — cientista político da Universidade Al-Azhar (na Cidade de Gaza) — vive como refugiado no Egito. “Além de ter deixado Gaza, perdi dois sobrinhos e muitos parentes”, disse. “Quanto às negociações,

o problema é que o Hamas pede uma retirada completa da Faixa de Gaza, mas o plano de Trump fala em uma gradual. O Hamas teme que, depois de soltar os reféns, Israel não se comprometa com o cessar-fogo. Também quer a libertação de integrantes do Nukhba, sua força de elite, que participaram do 7 de outubro. Israel rejeita fazê-lo.”

Ex-porta-voz das IDF e analista da Fundação pela Defesa das Democracias, o israelense Jonathan Conricus admitiu ao **Correio** que o Hamas terá a chance de escolher entre se poupar ou lutar até um “futuro mais amargo”. “Hamas é uma ideologia,

uma ideia que continuará a existir. Mas, no terreno, como força militar e governo político de Gaza, está perto do fim.”

Questionado pelo **Correio** se o Hamas se arrepende do 7 de outubro, Mahmoud Mardawi, um dos líderes do movimento islamita palestino, negou. “Nosso povo exerceu seu direito natural de resistir à ocupação que lhe foi imposta, geração após geração. Não fomos à América do Sul ou do Norte, nem à África, para lutar contra os sionistas. Eles ocuparam nossa terra, mataram nossas crianças e mulheres e destruíram os alicerces de nossa pátria”, disse.

Três perguntas para

MAHMOUD MARDAWI, UM DOS LÍDERES DO MOVIMENTO ISLAMITA PALESTINO HAMAS E MEMBRO DO COMITÊ POLÍTICO



Arquivo pessoal

Como avalia o plano de Trump?

Agradecemos qualquer esforço que vise pôr fim à guerra e aliviar o sofrimento de Gaza. Mas enfatizamos que qualquer solução real deve basear-se na cessação permanente das hostilidades, na retirada total, no levantamento do bloqueio e na garantia do direito do nosso povo à autodeterminação. Quaisquer acordos que excluam as forças de resistência do processo político ou que mantenham o controle direto ou indireto de Israel ou de outros países são inaceitáveis, exceto no que diz respeito à coordenação, ao apoio e à assistência de países árabes, islâmicos e amigos.

Quando soltarão os reféns?

Estamos comprometidos com o princípio de uma troca simultânea, no âmbito de um acordo abrangente que garanta o fim da guerra, o início da retirada e a prestação de garantias reais para a implementação do plano de paz. Assim que esses entendimentos estiverem estabelecidos em campo, estaremos preparados para começar a implementar imediatamente os acordos de troca.

Quais objeções o Hamas tem às propostas dos EUA?

Temos reservas quanto à soberania palestina, ao futuro de Gaza e à sua conexão geográfica e política com a Cisjordânia como unidade única. É uma questão nacional palestina, que deve ser resolvida por consenso entre as facções palestinas. Nossas preocupações incluem a ausência de garantias vinculativas para uma retirada total, o levantamento do bloqueio e a reconstrução de Gaza. Rejeitamos qualquer tentativa de impor tutela externa ou excluir forças nacionais. (RC)

EQUADOR

Ministra denuncia ataque a Noboa

O presidente do Equador, Daniel Noboa, escapou ileso de um ataque a tiros contra o veículo em que viajava pelo sul do país, em meio a protestos indígenas contra o seu governo, informou a ministra de Meio Ambiente e Energia, Inés Manzano. “Apareceram 500 pessoas e atiraram pedras (contra a comitiva). Obviamente, também há marcas de tiro no carro do presidente”, acrescentou, ao ressaltar que Noboa saiu ileso. A ministra anunciou que cinco suspeitos foram detidos. “Estas são as 24 horas mais importantes desde a tentativa de assassinato do presidente. Isso não ficará impune (...) não permitiremos isso. O Equador diz sim à paz e ao trabalho”, afirmou a ministra, que prometeu punição “com todo o rigor da lei”.

Vídeos divulgados pela Presidência do Equador, gravados no interior de um dos carros, mostram objetos atingindo os vidros e alguém gritando “Abaixem a cabeça!”. Outras imagens, registradas do lado de fora, mostram um grupo de manifestantes, alguns deles vestindo trajes



Aponte a câmera do celular e veja o vídeo do momento do atentado

indígenas, lançando pedras e pedaços de pau contra a comitiva, que passa pela estrada seguida de um blindado, em meio ao som de sirenes.

Terrorismo

Os veículos foram atacados quando se dirigiam à localidade andina de Cañar. Noboa participou posteriormente de um ato público em Cuenca, onde criticou o ocorrido. “Apesar de um grupo ter atacado a comitiva presidencial em Cañar, (...) os desestabilizadores não conseguiram deter o governo nacional. Todos os presos serão processados por terrorismo e tentativa de homicídio”, afirmou

a Presidência do Equador, em publicação na rede social X. Em Cañar, Noboa anunciaria a construção de tratamento de águas residuais e entregaria um sistema de tratamento de esgoto.

O ministro do Interior, John Reimberg, publicou as fotos dos cinco suspeitos no X, nas quais aparecem apenas com uma tarja nos olhos, e chamou o ataque de “covarde”. “Depois do atentado covarde contra a caravana presidencial em Cañar, a Polícia Nacional deteve de imediato os primeiros cinco responsáveis. O Estado de Direito não se dobra”, advertiu. “Aqueles que tentarem desestabilizar o país — sejam eles autores materiais, intelectuais ou financiadores — enfrentarão, sem exceção, todo o peso da lei. Serão processados por terrorismo. Não haverá impunidade. A democracia é defendida com firmeza”, acrescentou.

A Federação de Organizações Indígenas e Camponesas do Azuya (FOA) exigiu a libertação imediata dos detidos durante o incidente. “Denunciamos a detenção de Franklin Pichizada, gestor cultural

Presidência do Equador/AFP



Presidente Daniel Noboa ao lado do carro alvejado por disparos, na localidade de Cañar

e músico do povo Xañari, além de uma médica e outra pessoa, em El Tambo, província de Cañar, no contexto da forte repressão militar e policial contra as

comunidades que se mobilizavam contra a presença de Daniel Noboa”, informou a entidade, por meio de um comunicado, segundo o jornal equatoriano *La Hora*.